



A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM *AMAR, VERBO INTRANSITIVO*¹

SILVA, Dânae Rasia da²; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares³

Resumo: O presente artigo retoma o capítulo *A representação feminina no universo romanesco de Amar, verbo intransitivo* do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade de Cruz Alta, no ano de 2010. O trabalho insere-se no âmbito das questões culturais e pretende refletir e possibilitar uma visão das relações de gênero da protagonista feminina, tendo como suporte teorias que versam acerca de gênero e representação da mulher.

Palavras-chave: Literatura. Gênero. Sociedade.

Resumen: Este artículo retoma el capítulo *Representación femenina en el universo novelístico de Amar, verbo intransitivo* del Trabajo de Conclusión de Curso presentado en la Universidad de Cruz Alta en el año 2010. El trabajo se encuentra dentro del alcance de las cuestiones culturales y pretende reflejar y permitir una visión de las relaciones de género de la protagonista femenina, teniendo como soporte teorías que tratan sobre el género y la representación de la mujer.

Palabras-clave: Literatura. Género. Sociedad.

Introdução

A realização deste trabalho é reflexo de resultados de pesquisa acerca de representação feminina na obra *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, e tem por objetivo analisar a hipotética subversão dos padrões sociais do Brasil, no início dos anos 1900, pela personagem protagonista mencionada como Fräulein (senhorita ou professora, em alemão) ou Elza.

Em uma trajetória de submissão e desvalorização da mulher frente ao mundo dominado pelo homem, o escritor brasileiro Mário de Andrade estreia como romancista ao publicar a referida obra, no ano de 1927⁴. A publicação choca a burguesia paulista ao narrar a iniciação sexual de um adolescente de família tradicional, por uma governanta, professora de línguas, de piano e de amor, que deixa a terra onde nasceu, a Alemanha, e se torna sujeito de seu próprio destino em território brasileiro.

¹ Artigo elaborado a partir do quarto capítulo do TCC intitulado *A representação feminina na obra Amar, verbo intransitivo, de Mário de Andrade*, de autoria de Dânae Rasia da Silva.

² Professora de Literatura e Línguas Portuguesa e Espanhola nas redes estadual e municipal de ensino. danaerasia@hotmail.com.

³ Doutora em Letras (UFRGS). Professora da Universidade de Cruz Alta e orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso. Coordenadora do GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagem e Comunicação ao qual está vinculado o TCC. ctavares@unicruz.edu.br.

⁴ Para a realização deste estudo, é utilizada a edição de 1987.



Segundo Lopez (1987), Andrade obtém êxito ao unir a nova estética ao projeto linguístico do Modernismo, iniciado simbolicamente no Brasil em 1922, conferindo coerência e eficácia à obra. Seus anseios modernistas englobam, desde a linguagem até a opção por uma protagonista alemã. Em contraponto, o protagonista Carlos difere-se dela pela idade e posição social, visto que é filho de família rica.

O romance contém crítica, teoria, psicologia e gramática não regida pela norma culta. Além de o autor classificá-lo como idílio, utiliza a teoria psicanalítica de Freud para sustentar determinados comportamentos das personagens. A crítica à elite de São Paulo, através da figura do patriarca Felisberto Sousa Costa, dono de fábrica e criador de gado, revela o panorama social do país do início do século XX. Gonzaga (2012, p. 299) analisa:

Apesar da história interessante, *Amar, verbo intransitivo* naufraga esteticamente em virtude das contínuas interferências do narrador, que peca pela teorização excessiva [...]

As análises dos personagens, especialmente no caso de Elza, são confusas, sobretudo no que tange à sua origem étnica. Em dado momento, o romance parece que vai se construir sobre o conflito entre o temperamento alemão e a psicologia do brasileiro. [...]

O melhor do romance fica por conta do registro da hipocrisia social burguesa (os pais de Carlos) e das contradições de Elza, dividida entre o sonho de um casamento na Alemanha e a prostituição disfarçada a que se submete. Igualmente interessante é o comportamento de Carlos, que no fim do relato vai, pouco a pouco, reproduzindo os valores degradados de seu pai.

Amar, verbo intransitivo não possui capítulos, numeração de sequências ou títulos, porém, constitui-se em um romance que desenvolve o tema amor entre o herói e a heroína. É um romance modernista da primeira fase (1922 – 1930), repleto do sentimento de destruição que Andrade tanto pregou durante a Semana de Arte Moderna. O impulso de produzir uma literatura com identidade brasileira e com tendências denota contradição até no nome, visto que “amar” é um verbo transitivo direto e não intransitivo.

Na busca de reafirmar a nacionalidade, os artistas modernistas buscam novos caminhos para a literatura, e ao criticar as dinâmicas social e comportamental tornam-se alvo da elite. Quanto aos arquétipos da cultura brasileira, Neto, Guimarães e Assis (2012, p. 54-55) destacam:

No limiar do século XX, vive-se uma época de mudanças radicais no contexto intelectual do país. O fim do trabalho escravo, a derrocada do Império e a adoção de um modelo político com aspirações republicanas são fatos estruturantes que aquecem o debate intelectual em torno da realidade brasileira. Acrescentem-se a isso os ares modernistas que circulam o planeta através da literatura e da arte e, ainda, o nascimento de uma sociologia compreensiva, altamente crítica em relação às “verdades” do racionalismo normativo dos séculos anteriores, para inspirar novas teorias.



Sodré (2002) observa o cenário social do Brasil, onde a classe média urbana ascendia concomitante à crescente imigração, e à consolidação das primeiras concentrações de fábricas que apresentavam elementos modernos e intrigantes. Mário de Andrade, em um momento de rompimento do equilíbrio de uma sociedade colonial, aborda em *Amar, verbo intransitivo*, o problema das influências estrangeiras na primeira fase do Modernismo. O recorte a seguir justifica, não em sua totalidade, o perfil comportamental de sua protagonista Fräulein:

[...] Tinha esse poder de adaptação exterior dos alemães, que é mesmo a maior razão do progresso deles. No filho da Alemanha tem dois seres: o alemão propriamente dito, homem-do-sonho; e o homem-da-vida, espécie prática do homem-do-mundo que Sócrates se dizia. O alemão propriamente dito é o cujo que sonha, trapalhão, obscuro, nostalgicamente filosófico, religioso [...] (ANDRADE, 1987, pp. 59-60)

Através da figura de professora e “instrutora de amor”, aborda-se a presença da cultura alemã e a torna representante de seus conterrâneos. A heroína é uma mulher pontual, serena, objetiva, forte, religiosa, dotada de autonomia:

Ela se condena por ser moralista, declara ter a profissão que a fraqueza lhe permitiu exercer. Defende a ordem e a moral estabelecidas, transgredindo-as para consolidá-las e aperfeiçoá-las. Além disso, esse disfarce meio hipócrita de Fräulein ser na aparência a governanta e, na verdade, iniciadora de amor revela toda a complexidade em que a sexualidade humana está mergulhada. Há todo um jogo de querer e esconder, negar e afirmar, que vai perpassar a relação da governanta na casa. Legitima o autoritarismo, exigindo de Souza Costa que seu rompimento com Carlos se desse por meio violento. (NOGUEIRA; VIANNA; CALDEIRA, 2010, p. 244)

A protagonista assegura ser de raça superior, e evidencia preconceito quando comparada aos negros, índios, portugueses e latinos, pessoas com as quais se relaciona atrás da sua prestação de serviços.

A obra, ao tratar um tema exótico em linguagem arrojada, que foge de estruturas e padrões convencionais nas dimensões sintáticas e léxicas, foi insólita para seu tempo, pois deprecia o uso do dinheiro como solução para todos os problemas, inclusive para uma iniciação segura na vida sexual de um menino.

Ao denunciar a “sociedade de aparências”, através da narrativa de envolvimento amoroso entre um jovem de família com elevada posição social e uma alemã mais velha contratada, Mário de Andrade torna-se alvo de críticas de uma esfera alienada e de mentalidade colonizada. *Amar, verbo intransitivo* é um livro reconhecido até nos dias atuais pela qualidade de seu novo projeto estético e ideológico.



Gênero e literatura: representação feminina da protagonista Fräulein

Em *Amar, verbo intransitivo*, Mário de Andrade cria a personagem alemã Elza, de 35 anos, contratada pelo patriarca para ensinar os ritos do amor e do sexo a um rapaz de quinze, dezesseis anos, Carlos Alberto, com quem forma um par romântico. A personagem, apesar de cumprir papel de prostituta para os novos-ricos Sousa Costa, afirma ser uma pessoa séria: “Tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão.” (ANDRADE, 1987, p. 49)

Além de ser um leitor do seu tempo, Andrade é também um leitor da alma feminina. Cria, na obra em análise, uma personagem da literatura brasileira que se destaca por sua complexidade, sua Elza, ou, para todos os demais, Fräulein.

O escritor modernista, que ironiza situações do cotidiano familiar, como as traições conjugais e os aspectos físicos dissimulados pelo casal, denuncia, ainda que de maneira meramente emocional, a posição ocupada pela mulher numa sociedade patriarcal.

Conforme Lopez (1987), a obra pode ser considerada um romance a favor do gênero feminino, admitindo a autonomia dessa heroína dos tempos modernos, que vende seu trabalho para voltar à Alemanha, a fim de se casar com o homem que corresponde ao seu ideal romântico de amor:

Todo de preto, com o alfinete de ouro na gravata. Nariz longo, quase diáfano, bem traçado... Todo ele é claro, transparente... Tossiria, arranhando os óculos sem aro... Tossia sempre... E a mancha irregular de sangue nas maçãs... Jantariam quase sem dizer nada... Como passara? Assim, e ele?... Talvez mais três meses e termina o segundo volume de *O Apelo da Natureza na Poesia dos Minnesänger*... Lhe davam o lugar na Universidade... A janta acabava... Ele atirava-se ao estudo... (ANDRADE, 1987, p. 64)

O desejo de viver em seu país ao lado de um homem culto e sensível marca a trajetória da governanta que realiza seu trabalho com dignidade e não o relaciona com prostituição. Fräulein acredita realizar uma missão, pois através dela, Carlos evitaria doenças, não seria explorado em prostíbulos, nem se tornaria toxicômano por influência das prostitutas.

Apesar de sua seriedade, Fräulein envolve-se sentimentalmente, assim como o amante. Isso tudo implicou em um embate interior na alemã, entre o homem-do-sonho, dedicado ao sonho e às fantasias, inclusive de retornar à terra natal, e o homem-da-vida, prático e metódico, interessado no serviço e no dinheiro, que dominava sua conduta.



O leitor cria sua Fräulein de forma livre, a partir de breves definições feitas através de comparações, porém o autor cita características detalhadas, ao afirmar que se parece com a figura feminina secundária presente na tela *O banho de Betsabê (1654)*, de Rembrandt. Ressalta que apesar de ela não possuir o corpo perfeito e não ser bonita, é bastante sensual.

Elza, ou Fräulein é classificada como personagem redonda, pois, como explica Moisés (1977), ostenta uma dimensão particular não simplista, possui uma série de qualidades e/ou defeitos. É multiforme e complexa em seus conflitos, evolui na narrativa de forma dinâmica, e ostenta profundidade psicológica, visto que aprecia a leitura de Schiler, Nietzsche, Shakespeare, Shopenhauer, Heine, Racine e Romand Rolland. Assim, verifica-se que:

Sua condição de mulher é trágica e marginal, em um mundo burguês e do homem; sua condição é tão trágica que não lhe confere sequer a saída da tragédia. Serve voluntária e aliciadamente ao homem e à burguesia, acorrentando-se como Sísifo⁵ – a personagem mítica do eterno recomeço. Ela ama o amor e não quer correr o risco de amar. O amor existe e age dentro de Fräulein como um verbo, porém sem objeto: verbo intransitivo. Ela representa a figura da mulher que não vive à sombra de homem algum, capaz de escrever seu próprio destino. Consegue ser livre das amarras do falocentrismo⁶, mas ao mesmo tempo não deixa de cultivar seu sonho de voltar à Alemanha, casar-se e constituir família. (NOGUEIRA; VIANNA; CALDEIRA, 2010, p. 245)

Em seu processo histórico-cultural, a mulher, mesmo que reagindo a determinadas normas impostas socialmente, tem a figura masculina como contraste limitando-a, restringindo, proibindo e delimitando ações apreendidas e transmitidas ao longo das gerações. Nesse sentido, Tavares (2007, p. 44) reflete: “A linguagem se estabelece entre os sujeitos, não apenas como um veículo de aproximação, mas como um canal de transmissão de idéias [*sic*] e de posturas ideológicas, de percepções de mundo e de afirmação de espaços sociais historicamente construídos.”

Durante milênios, a sociedade buscou diferir ideias de masculino e feminino através de estereótipos. Os papéis sociais foram definidos, então, destacando comportamentos e atitudes aceitas para cada sexo.

A tendência a considerar natural a dualidade masculino/feminino origina da biologia, porém, as figuras do homem e da mulher não se reduzem às condições de macho e fêmea. A rede complexa de construções sociais e culturais, e códigos simbólicos aprimorados passa a ser estudada, na contemporaneidade, como gênero e não mais como sexo (BUTLER, 2010).

⁵ O mito de Sísifo narra o esforço inútil de uma pessoa, seu árduo e rotineiro trabalho, que nunca será concluído.

⁶ Teoria de Freud que trata da postura, convicção, atitude ou comportamento baseados na ideia da superioridade masculina, na qual “falo” representa o valor significativo fundamental.



O método de diferenciação pautado em aspectos biológicos reafirma a função natural da maternidade, dessa forma a mulher possui um dever moral para com a sociedade e sofre uma política pedagógica moralizadora. “Pelo sexo, a mulher liga-se à eternidade da espécie: o aparelho genital feminino não é propriedade individual, é propriedade da raça e a mulher é dele depositária” (MAGALHÃES, 1933, p. 344). Segundo Aguado (2004, apud SANTOS, 2010, p. 115)

[...] não é o sexo biológico que determina papéis sociais, mas a significação que é dada às características anatômicas de homens e de mulheres. Assim, a despeito das diferenças anatômicas entre machos e fêmeas, na espécie humana, cada sociedade constrói compreensões e cria fundamentos para estas diferenças visíveis. O gênero, portanto, pode ser considerado não só como um sistema de representações culturais, mas também como um conjunto de práticas, de relações e de experiências sociais historicamente determinadas.

Em 1949, Simone de Beauvoir publica o livro *O segundo sexo*, que analisa a mulher na sociedade sob o viés da história, psicologia, sociologia e da biologia, tratando de uma possível natureza feminina. Bicalho (1998, p. 34) destaca a contribuição de Beauvoir e Woolf:

A célebre frase de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher” inaugura uma nova era para o feminismo. Aqui se compreenderá que o ser mulher é uma construção cultural. Argumentos serão trabalhados a partir daí, para desconstrução do entendimento de que a mulher é um ser frágil por natureza. Não é natural a desigualdade e sim as diferenças biológicas. [...]

Outra grande contribuição da importância da diferença, no debate sobre a igualdade, neste século, foi de Virginia Woolf. O século XX trouxe a descoberta da relação natureza e cultura, no pensamento humano, sobre as relações entre o masculino e feminino.

Sobre a representação do gênero masculino dominante na sociedade, Chartier (1995) reflete sobre a naturalização dos papéis sociais impostos a partir da interiorização, pelas mulheres, de normas enunciadas por discursos masculinos. A incorporação da dominação pelos homens acontece de forma consentida por mulheres, a fim de não serem excluídas de alguma situação ou meio. O poder do mundo masculino não é forjado, todas as vezes, com tensão, recusa ou resistência. Conforme as configurações sociais de uma época, a superioridade masculina dá-se somente através da intromissão feminina do estigma de ser inferior.

O casal protagonista em *Amar verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, representa o contraste entre duas realidades, Fräulein prostitui-se por necessidade e Carlos é filho de família emergente e abastada. Sob um viés dualista dessa típica relação da nova burguesia, faz-se necessário observar:



A lógica dicotômica carrega essa ideia. Em consequência, essa lógica supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado – e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos. O processo desconstrutivo permite perturbar essa ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções. O exercício do poder pode, na verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de “homem dominante versus mulher dominada”. (LOURO, 1998, p. 33)

Fräulein, ao aceitar a proposta de ensinar as artimanhas do amor por oito contos, assume uma posição submissa em relação ao contratante, introjetando a dominação masculina em detrimento do pagamento que garante sua volta ao continente europeu. Circunscrita ao espaço doméstico, lugar historicamente reservado às mulheres, mantém uma postura intimista. Sobre a descrição feminina, Perrot (2005) esclarece que o silêncio da mulher era uma regra política, social, considerado uma virtude e uma honra.

Conforme Bourdieu (1989, p. 11) a legitimação da dominação é fundamentada mesmo em relações de comunicação que “são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes”. Assim, o poder simbólico ocorre de forma invisível e pode ser exercido apenas com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele.

Como argumenta Tavares (2007, p. 44-45), a linguagem não se constitui somente em um veículo de aproximação, mas evidencia ideologias, ao mesmo tempo que afirma espaços historicamente construídos:

A História tem mostrado o percurso sociocultural da mulher, de um modo geral, sempre atravessado pelo discurso e atuação da figura masculina, não como o reflexo de uma natural interação intersubjetiva, mas como o produto de uma arraigada discriminação de sexo-gênero, na qual o espaço social ocupado por ela é física e ideologicamente reduzido em contraste com o do macho.

No contexto das relações humanas, os sujeitos, através da linguagem, assumem posições consolidadas ou indicadoras de diferentes tendências sociais. O recorte, a seguir, ilustra a posição de Navarro (1995, p. 14) a respeito do enfoque direcionado às mulheres na literatura:

[...] quando as obras ficcionais incluem a mulher como sujeito e não como mero objeto do foco narrativo, elas não apenas desafiam ou tentam subverter a cultura patriarcal dominante mas também fornecem à mulher a voz adequada para falar por si mesma.

Esses romances apresentam uma reavaliação da história através da ótica feminista. Essa ocorre, no texto literário, quando o mesmo reflete condições históricas e sociais



na América Latina, combinadas com a consciência emergente das mulheres que tentam alterar atitudes culturais sobre “diferenças inerentes” entre homens e mulheres, tentando consequentemente subverter os tradicionais padrões de subordinação e alienação característicos de sociedades patriarcais.

Ao abordar o poder no campo da sexualidade, Rago (1991) reflete sobre as diferentes perspectivas feministas em relação à prostituição. A historiadora salienta a função positiva da prostituição, apesar de a lógica do negativo prevalecer na sociedade. A prostituição seria uma resposta às dificuldades econômicas, ou a uma ordem moral machista, portanto repressiva, que impulsionaria as mulheres a uma atitude sexual transgressora, tornando-as protagonistas de seus desejos e de seus corpos. A “função civilizadora” da prostituição de luxo encontra um mercado promissor com a nova aristocracia do café de São Paulo.

Com seu refinamento europeu, Fräulein serve à prostituição sofisticada, e ao iniciar sexualmente rapazes da aristocracia, confere ares de requinte e modernidade aos costumes elitistas. A transmissão de boas maneiras e refinamento aos provincianos por uma estrangeira branca simbolizava os anseios dos homens da classe alta.

Metodologia

Para a consecução do objetivo proposto neste texto, a investigação compreendeu pesquisa e análise bibliográfica que versa sobre gênero, representações sociais, literatura e sociologia, visando à elaboração de referências que possibilitem o exame e a compreensão do papel da figura feminina de Elza em um romance que se centra em um caso amoroso, dentro de um âmbito familiar. Dessa forma, o presente artigo tem como público-alvo pesquisadores, estudantes e interessados nas discussões acerca da bibliografia ora mencionada. A área de abrangência centra-se em discussões socioculturais.

Os principais aportes teóricos utilizados neste trabalho foram as premissas de Neto, Guimarães e Assis (2012) e Bourdieu (1989) com discussões sociológicas; Louro (1998) e Tavares (2007) discutindo gênero; Lopez (1987) em análise e crítica literária.

Resultados e discussões

Mário de Andrade revelou sua veia modernista em seu primeiro romance, *Amar, verbo intransitivo*, lançado em 1927 e refundido em 1944 para Obras Completas (Martins). Sua ampla difusão na sociedade brasileira, com impactos sociais através das discussões sobre



uma personagem protagonista que se prostitui, faz com que a obra seja traduzida para a língua inglesa e serve de enredo para o filme de Eduardo Escorei, *Lição de amor*, além de ser objeto de incontáveis estudos universitários.

Apesar de a voz narrativa ser masculina, o autor escreve um romance considerado pró-mulher. Isso é evidenciado no decorrer da obra, desde a complexidade da personalidade de Fräulein às justificativas e “defesas” da alemã. Ela não é vista como responsável por suas falhas: “[...] quando uma mulher erra, só o homem é que tem a culpa” (ANDRADE, 1987, p. 133).

Nesse âmbito, Fräulein é uma grande personagem, autônoma e objetiva devido a sua parcela de homem-da-vida, em contraste com o homem-do-sonho. Mesmo assim, condena a si mesma pela escolha da profissão. O lirismo, os impulsos e os sentimentos mais recônditos são expressos nessa personagem, que sucumbe ao assédio de um menino mal iniciado nos exercícios do amor. A alemã regia sua vida, conforme suas necessidades e com o objetivo principal de voltar a sua terra e casar-se com um tipo ideal. Contudo, seu interesse por Carlos era extraordinário. Sentia-se machucada pelo ciúme que nutria pelo menino.

Outro dualismo marcante na personagem é a comparação que ela fazia com seu jeito de viver alemão e a indisciplina e desorganização dos latinos e, principalmente, dos brasileiros. Mostrava-se uma mulher sábia, outra vez em comparação à pobreza de alma dos novos burgueses Sousa Costa.

Ela representou, em todo o tempo que esteve na mansão, a pontualidade e a rígida disciplina. O narrador a designa metaforicamente: “...antipática?... Não. Nem antipática nem simpática: elemento. Mecanismo novo da casa. Mal imaginavam por enquanto que será o ponteiro do relógio familiar.” (ANDRADE, 1987, p. 54). Ele comenta, ademais, sobre a falta de atrativos e monotonia da personagem: “A gente percebia muito bem as cordas que elevavam a protagonista no ar. O público não aplaudiu.” (ANDRADE, 1987, p. 54)

A racionalidade dessa personagem que não se fixa em demasia na aparência, não tem a vaidade como uma de suas marcas. De acordo com a historiadora Smith (2003, p. 17), “Sempre que a pessoa diante do espelho é uma mulher, sua autocontemplação tem parecido repetitiva, até mesmo obsessiva e indicativa de vaidade ou amor pela luxúria – conotando o sensual no lugar do racional”. Esses dizeres encaixam-se no perfil de parcela representativa das mulheres, porém não é esse o caso da protagonista de *Amar, verbo intransitivo*.

A construção da identidade de um sujeito, que se dá de forma multifacetada e plural, a partir de tempo e lugar estabelecidos, reflete na noção de gênero. Para Louro (1998), essa



construção é contínua, transformada a partir de diferentes discursos, práticas e símbolos. Assim, os sujeitos constroem-se como masculinos ou femininos e definem sua maneira de ser e estar no mundo.

É importante salientar que essas construções são transitórias, mudam conforme o passar do tempo e as trajetórias pessoais, as preferências sexuais, origem racial e social. O fato de Fräulein ter uma vida itinerante, em função da profissão, fez com que ela estivesse em contato com realidades semelhantes – famílias patriarcais e abastadas – e se reconstruísse a cada trabalho.

Em um imbricamento de sociologia, análise literária e representação feminina, é positivo construir um debate sobre os processos de dominação e submissão da mulher nas relações de gênero. Fräulein, mesmo que subjugada pelo capital e pela burguesia de seu tempo em um ambiente hegemonicamente patriarcal, transpõe barreiras através da razão, praticidade, e conhecimento, denunciando o preconceito e a desvalorização feminina.

Considerações finais

Pode-se afirmar que Fräulein foge do estereótipo de prostituta, tamanha sua convicção sobre o amor. Ela ensinava o amor baseado na racionalidade. Seus gestos, palavras e atitudes não eram de uma mulher que usa da vulgaridade para seduzir os garotos que iniciava. Sua intenção, por conseguinte, não era se envolver com o aluno em questão, e sim transformá-lo em homem pronto para a vida conjugal.

A condição profissional da personagem, embora contribua para uma situação de dominação econômica e sexual, permite que se tenha, na literatura brasileira, uma personagem que se destaca por transgredir e superar códigos injustos.

Amar, verbo intransitivo não possui propósito meramente emocional e estético. Através de seu discurso, com caráter de denúncia, permite ao leitor refletir sobre a posição de dependência e submissão de uma mulher que não se deixa manipular. É possível identificar que autor e narrador intencionam elevar as virtudes de sua protagonista que busca liberdade em meio à situação marginalizada.

Assim, sob a perspectiva de estudos instrumentalizados pelas questões de gênero, pode-se afirmar que Fräulein subverte os padrões sociais de São Paulo, do início do século XX, pois, apesar de submeter-se à prostituição, oferece seus serviços em um ambiente familiar burguês, “atravessando” a hierarquia patriarcal.



Referências

ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 14. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

BICALHO, Elizabete. A mulher no pensamento moderno. In: **Cadernos de Área: estudos de gênero**. Goiânia: UCG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). In: **Cadernos Pagu** (4). Campinas - SP: Unicamp, 1995, p. 37-47. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50917>>. Acesso em 02 ago. 2014.

GONZAGA, Sergius. **Curso de literatura brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Uma difícil conjugação. In: ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 14. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987, p. 9 – 44.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAGALHÃES, Fernando. **Clínica obstétrica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1933.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

NOGUEIRA, N. H.; VIANNA, C. M. M. M.; CALDEIRA, P. de L. Fräulein: a personagem feminina de Mário de Andrade, escrevendo o seu próprio destino. **CES Revista**. Juiz de Fora, v. 24, p. 237-248, 2010. Disponível em: <http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/16_LETRAS_fraulein.pdf>. Acesso em 30 jul. 2014.

NETO, E. G.; GUIMARÃES, J. L. B.; ASSIS, M. A. de. **Educar pela sociologia: contribuições para a formação do cidadão**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RAGO, Luzia M. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



SANTOS, Sandra Ferreira dos. Eros e Thánatos: o casamento como violência simbólica e estratégia de representação feminina na Atenas Clássica. In: **6º Prêmio construindo a igualdade de gênero**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

SILVA, Dânae Rasia da. **A representação feminina na obra *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2010.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica**. Tradução de Flávia Beatriz Rossler. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

TAVARES, Carla Rosane da Silva. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. 2007. Tese (Doutorado em Literatura Comparada), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.